

Âncora ao mar da vida! A grupoterapia como recurso terapêutico na clínica infantil<sup>1</sup>

**Anchor to the sea of life! The group therapy as a therapeutic resource in clinical childhood**

Karina Recktenvald<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho objetiva apresentar uma breve introdução à visão da teoria vincular sobre os espaços psíquicos e a dinâmica do psiquismo. Na sequência, o texto aprofunda-se nas ideias de Kaës sobre o espaço intersubjetivo e os fenômenos que lá ocorrem, enfocando o contexto grupal. Discorre-se sobre o pensamento do autor acerca do funcionamento dos grupos e sua influência no inconsciente de cada sujeito. Exibem-se, também, alguns dos benefícios oferecidos pelos grupos aos sujeitos que o compõe. Destaca-se a importância da ancoragem do outro e do grupo na constituição e no equilíbrio do psiquismo do sujeito. Conclui-se que o dispositivo de grupo é uma importante ferramenta para melhor compreender o espaço intersubjetivo, assim como um interessante recurso terapêutico. A psicanálise não pode se distanciar desse tema por ser difícil pensar o ser humano sem considerar os grupos em que está inserido e dos quais sofre influências constantemente. Trata-se de um desafio para a psicanálise, afinal, exige, inclusive, a necessidade de pensar uma nova tópica.

**Palavras-chave:** teoria vincular; intersubjetividade; psicoterapia psicanalítica de grupo com crianças; ancoragem.

**Abstract:** This paper aims to present a short introduction to the vision of the bonding theory about psychic spaces and the psyche dynamics. Next, the text deepens the ideas of Kaës about the intersubjective space and the phenomena that occur there, focusing on group context. It develops about the author's thinking about the group dynamics and its influence on the unconscious of each person. There are also some of the benefits offered by groups to those people who compose them. Stands out the importance of the analysis of the other and the group's in the constitution and the balance of the person's psyche. It concludes that the device group is an important tool to better understand the intersubjective space as well as an interesting therapeutic feature. Psychoanalysis cannot stay distant from this theme because it's difficult to think of a human being without considering the groups in which they are inserted and in which they are constantly influenced. It is a challenge to psychoanalysis, after all, it demands the need to think about a new topic indeed.

**Keywords:** bonding theory; intersubjectivity; psychoanalytic group psychotherapy with children; analysis.

---

<sup>1</sup> Parte da monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Psicanálise das Configurações Vinculares sob orientação da Prof. Maria Alice Targa. Porto Alegre, agosto de 2014.

<sup>2</sup> Psicóloga, Especialista em Teoria Psicanalítica e as Psicoterapias da Infância, Adolescência e Idade Adulta, e em Psicanálise das Configurações Vinculares. Endereço para correspondência: karinareck@gmail.com.

## **Introdução**

“(…) um destino individual depende de suas relações com outras pessoas”.

(Freud, 1932/1996, p.163).

Freud abriu diversos caminhos de investigação psicanalítica, desbravou e aprofundou-se em muitos deles, especialmente, no espaço intrassubjetivo. Empenhou-se em compreender o funcionamento mental de seus pacientes, buscando descobrir as origens de seus sofrimentos. Discorreu sobre a formação das instâncias psíquicas e tentou compreender sua psicodinâmica. Em suas pesquisas, constatou a influência exercida pelos outros, pela sociedade e pela cultura na constituição do indivíduo.

A teoria vincular mergulha nesse universo, visando aprofundar os conhecimentos psicanalíticos acerca do espaço intersubjetivo e daquilo que ocorre entre as pessoas, justamente por acreditar que o inconsciente carrega marcas – tanto em sua “estrutura”, quanto em seus “conteúdos” – “do inconsciente do outro e, mais precisamente, de mais de um outro” (Kaës, 2000, p.114). Assim sendo, a relevância desse estudo é evidente, afinal, não há como pensar o ser humano isolado de um grupo, tanto que “a questão da intersubjetividade é posta desde a fundação da psicanálise como uma das condições da vida psíquica” (Kaës, 2011, p.22). Sem os grupos – sejam familiares ou sociais – o indivíduo permaneceria à deriva no mar da vida.

Entende-se que o contexto grupal é um excelente instrumento para investigar o espaço intersubjetivo, assim como uma maneira de fomentar um processo de psicoterapia psicanalítica, a partir do qual se busca aliviar os sintomas e o sofrimento humano. O presente artigo objetiva aproximar-se dessas duas questões: apresenta-se uma introdução à teoria vincular e, na sequência, discorre-se acerca de algumas ideias de René Kaës, sobre seu modo de pensar a dinâmica dos grupos e os fenômenos ocorridos “no entre”.

## **Âncora ao mar da vida! A grupoterapia como recurso terapêutico na clínica infantil**

## Artigos

Apenas raramente e sob certas condições excepcionais, a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações desse indivíduo com os outros. Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado, mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social (Freud, 1996, p.81).

A partir dessa afirmação de Freud, questiona-se: poderia a psicanálise voltar-se apenas para o estudo do universo intrassubjetivo? Como não pensar sobre os efeitos dos relacionamentos na vida de cada um? De que forma e até que ponto o outro afeta o psiquismo individual? Essas são apenas algumas das inquietações que permeiam o cotidiano dos profissionais envolvidos com a clínica psicanalítica. Mas como tentar respondê-las? Em que teorias e entendimentos embasar-se?

Tradicionalmente, a psicanálise reconhece a importância e a influência do outro. Freud (1996), por exemplo, afirma que o sofrimento proveniente da relação do homem com os demais, talvez, seja o mais doloroso. Enquanto Winnicott (2000, p.165) declara: “isso que chamam de bebê não existe”, pois sempre que há um bebê, ao seu lado, deve haver um cuidador. Mesmo assim, o modelo clássico dirige sua atenção, predominantemente, ao espaço intrassubjetivo, aos objetos internos, percebendo o conflito inconsciente apenas como sendo intrapsíquico e de procedência psicosexual (Kaës, 2011).

Mas pensando unicamente no espaço intrassubjetivo, seria possível explicar, de forma mais completa, algumas ilustrações clínicas, tal como a que surpreendeu Winnicott (2000, p.157) no início de sua carreira pediátrica: “doutor, minha mãe está sentindo uma dor na minha barriga”? Com quem está o problema? A quem pertence? Poder-se-ia pensar em um sintoma produzido em conjunto?

Parece necessário ampliar os espaços psíquicos e compreender, por exemplo, que existem conflitos “entre o sujeito e a parte de sua psique detida por outro (ou por ‘mais de um outro’<sup>3</sup>) ou depositada nele (neles)”, portanto, um espaço compartilhado. Dessa forma, será

---

<sup>3</sup> Expressão comumente utilizada por Kaës (2014) para referir-se as relações entre vários sujeitos, mas não entre o sujeito e um grupo.

## Artigos

possível melhor entender a complexidade e a diversidade da prática clínica. Há, sim, sintomas co-criados, bem como identificam-se, por exemplo, funções co-recalcadoras – sendo a mãe uma grande representante, especialmente, nos primeiros anos de vida – e mecanismos defensivos co-construídos (Kaës, 2014, p.229).

É preciso, portanto, expandir os conhecimentos a respeito do que ocorre entre as pessoas, ou seja, no espaço intersubjetivo, aquele “que vincula cada sujeito a outros sujeitos do inconsciente” (Kaës, 2014, p.48). Para isto, recorre-se à teoria vincular que amplia a questão e foca seu olhar justamente nesse espaço, afinal, estamos inseridos em múltiplas configurações que interferem significativamente ao longo de nossas vidas. Trata de confrontar-se com o múltiplo, com uma realidade psíquica diferente do modelo clássico (Piva, D’Incao, Recktenvald, Fortes & Reis, 2013). Sustenta, por exemplo, que no conteúdo e na estrutura do inconsciente de cada um – objeto de estudo psicanalítico – estão contidos traços do inconsciente de outro e de mais de um outro, assim como das pessoas que passaram pela vida desses outros. O ponto é entender de que forma o “sujeito singular”, com o qual “lidamos no divã, é também um sujeito cujo inconsciente é mantido e moldado nos vínculos intersubjetivos” dos quais participa (Kaës, 2011, p.11).

Para abarcar essa forma de pensar a(s) realidade(s) psíquica(s), Kaës acredita ser necessária uma reformulação metapsicológica: a criação de uma terceira tópica a fim de contemplar o inconsciente na intersubjetividade; uma tópica que abarque espaços psíquicos ampliados, produzindo constantemente novas marcas e transformações, um inconsciente aberto, multidimensional, que não está totalmente “contido nos limites do espaço psíquico individual” e dotado de vários centros. A teoria vincular aventura-se nesse desafio, buscando compreender os processos que se passam “no entre” por acreditar que a intersubjetividade é condição de subjetivação (Kaës, 2011, p.228).

Uma “estrutura dinâmica do espaço psíquico entre dois ou mais sujeitos” é a definição de intersubjetividade, segundo Kaës (2011, p.224). Tal espaço “comum, conjunto, partilhado e diferenciado, compreende processos, formações e uma experiência específicos, por meio dos quais cada sujeito se constitui”. Mas como investigá-la?

## Artigos

O autor (1997, 2000, 2011) dedica-se ao estudo dos contextos plurissubjetivos a fim de encontrar respostas e, por isso, volta-se aos grupos. Comenta que, apesar de haver resistências do meio psicanalítico à abordagem de grupos, esta é uma importante forma de investigar e conhecer a intersubjetividade, afinal, como melhor observar os fenômenos desse espaço psíquico do que reunindo vários sujeitos? Não seria esse um modo interessante de pesquisar acerca da função exercida pela intersubjetividade, por exemplo, nos processos constituintes dos conteúdos inconscientes, na gênese dos sintomas e na simbolização?

E por que a resistência aos grupos percebida no meio psicanalítico? Afinal, o espaço intrassubjetivo – foco da psicanálise clássica – funciona como um grupo, constantemente em movimento, passando por rearranjos e transformações, estabelecendo ligações e desligamentos, exercendo forças de atração e repulsão. Kaës (1997, p.132) afirma que “a psique está estruturalmente organizada como um grupo”. A expressão grupalidade psíquica designa justamente essa forma de funcionamento e organização da psique – por exemplo, de associar e agrupar seus elementos, bem como dissociá-los – enquanto o termo grupos internos a qualifica. Refere-se a “uma configuração de vínculos intrapsíquicos”, tais como as relações entre as pulsões e os objetos, a trama de identificações, a imagem corporal e as instâncias psíquicas (Kaës, 1991, p.127-128). O autor (2011) destaca que essa ideia encontra-se em Freud (1996, p.53) que, especialmente no começo de sua obra, menciona os “grupos psíquicos”.

Não se pode esquecer, também, que no espaço intrassubjetivo – terreno com o qual a psicanálise tradicional está acostumada –, encontram-se marcas do(s) outro(s), por exemplo, nas heranças familiares. Freud (1996, p.85) mencionou esse aspecto: “o indivíduo leva realmente uma existência dúplice: uma para servir as suas próprias finalidades e a outra como um elo numa corrente, que ele serve contra sua vontade ou pelo menos involuntariamente”.

O grupo, portanto, antecede o sujeito que, logo ao nascer, não pode escolher não juntar-se a ele, assim como não se pode optar por “ter ou não um corpo: é assim que vimos ao mundo, pelo corpo e pelo grupo, e o mundo é corpo e grupo”. A “recusa” de ambos custa a “abolição do espaço psíquico”. A história que o precede, portanto, já o implica dentro de um grupo (Kaës, 2001b p.275).

## Artigos

Considerando estes aspectos – grupalidade psíquica e a obrigatoriedade de pertencer a um conjunto – Kaës (1997, p.51) opta por usar o vocábulo “sujeito” a fim de salientar sua dupla sujeição. A primeira delas, ao inconsciente, aos conflitos, desejos, às fantasias e às pulsões que o governam. A segunda salienta sua divisão entre “a realização de seu próprio fim e o lugar que deve assumir nos vínculos” que o formaram.

O sujeito do inconsciente constitui-se na intersubjetividade e, para marcar tal aspecto, Kaës (2000) utiliza a expressão sujeito do grupo. Apesar de seu sujeitamento aos conjuntos nos quais está inserido, ele não é visto como um ser passivo, mecanicamente determinado, um mero reflexo do grupo, mas, sim, como atuante.

Um ponto favorável ao trabalho psicoterápico com grupos diz respeito à possibilidade de tratar sofrimentos psicológicos e patologias que seriam de difícil acesso de outro modo. Num atendimento bipessoal, emergem determinados conteúdos e, caso esse mesmo paciente participe de uma sessão de família, por exemplo, aspectos diferentes surgirão. Sendo assim, o terapeuta utiliza uma preciosa ferramenta para aproximar-se do ponto a ser tratado: a escolha do dispositivo. O termo designa um conjunto de “elementos espaciotemporais e materiais apropriados a um objetivo de conhecimento e de transformação”, é o artifício que o profissional dispõe para instaurar o processo psicoterápico, acessar e transformar certos aspectos da realidade psíquica. Cada um dos dispositivos psicanalíticos – individual, casal, família ou grupo – ilumina certos aspectos do psiquismo e, evidentemente, encobre outros (Kaës, 2005, 2011, p.65; Piva et al., 2013; Rojas, 2000).

Ao realizar uma indicação terapêutica, o profissional precisa indagar-se: que aspectos devem ser iluminados? Considerando a origem do sofrimento de quem o procura, o que é importante priorizar? Caso entenda que o sintoma e o sofrimento do paciente estejam mais relacionados às questões intersubjetivas, o dispositivo vincular poderá ser sugerido. Salienta-se que não se trata de excluir o mundo interno ou vincular, mas, sim, de optar por trabalhar um deles prioritariamente, baseado naquilo que se acredita ser o melhor para cada paciente a cada momento (Rajnermann, 2000).

## Artigos

O dispositivo grupal possibilita que o sujeito experimente o “efeito produzido por ele e nele no encontro” entre seu inconsciente e o de outro, ou de mais de um outro. Permite, assim, contatar uma realidade psíquica inacessível de maneira diferente, isto é, a do grupo enquanto entidade (Kaës, 2011). Seu papel é de tamanha importância que Rojas (2007) indica o que chama de intervenção em rede. Trata-se de uma clínica que extrapola o espaço do consultório, que opera nas tramas de pertencimento do sujeito para além de suas famílias. Recomenda, por exemplo, que adolescentes isolados entrem em grupos que lhes possam oferecer uma pertinência identitária por acreditar que tais conjuntos são dispositivos sociais produtores de subjetividade. Os grupos, com os quais os adolescentes costumam se envolver, são os mais variados: esportes, bandas, política, religião, e outros. Para Kaës (2005), esse dispositivo permite trabalhar mais acentuadamente a posição ocupada pelo sujeito na intersubjetividade, em seus vínculos com um ou mais outros.

A origem da psicoterapia de grupo é atribuída ao Dr. Joseph Pratt que, em 1905, passou a reunir pacientes tuberculosos e ministrar aulas sobre a doença. O médico havia percebido que os enfermos costumavam conversar na sala de espera, estabelecendo relações que os deixavam mais esperançosos. Os resultados foram surpreendentes: os pacientes mostravam-se animados, confiantes e melhoravam mais rápido. Na sequência, o interesse por grupos espalhou-se e diversos profissionais debruçaram-se sobre o tema. Durante a Primeira Guerra mundial, Simmel utilizou seus conhecimentos psicanalíticos na terapia de grupo para tratar neuroses de guerra. Schilder também trabalhava através desse dispositivo, sendo um nome bastante citado na área. Ambos dirigiam suas interpretações ao sujeito, portanto, faziam um atendimento psicanalítico em grupo. Gradualmente, percebeu-se que essa era uma forma eficaz de tratar um número maior de pessoas por um valor mais acessível e demandando menos profissionais. Essa ideia agradou, por exemplo, hospitais psiquiátricos e sistemas públicos de saúde – especialmente após a Segunda Guerra (Levisky, 1997; Kaës, 1997, 2000, 2011; Vinogradov & Yalom, 1992; Zimerman, 1997, 2000; Zimmermann, 1971). Colaboraram significativamente para a difusão do atendimento grupal diversos autores, dos quais Kaës (2011) destaca: Anzieu, Bion, Bleger, Foulkes<sup>4</sup> e Pichón-Rivière.

---

<sup>4</sup> Considerado o responsável por inaugurar “a prática da psicoterapia psicanalítica de grupo” em 1948. Entendia que “o grupo se organiza como uma nova totalidade”, não é “a soma dos indivíduos” (Zimerman, 1997, 2000, p.73).

Dentre os expoentes que se envolveram com grupoterapia de crianças, salientam-se, por exemplo, Slavson nos anos trinta e Schiffer na década seguinte. Na mesma época, a tentativa de unir psicanálise e psicodrama – com pacientes da faixa etária em questão – foi efetuada por Anzieu. Já Ginnott e Axline buscavam refletir os sentimentos da criança, uma espécie de espelho, nomeando o que era expresso através de atos. Por fim, cita-se novamente o enfoque psicanalítico com que Foulkes, acompanhado de Anthony, trabalhava com grupos, visando compreender os significados latentes do conteúdo manifesto (Glasserman & Sirlin, 1974).

Assim como ocorreu historicamente, a grupoterapia de crianças no ambulatório do Contemporâneo – cuja terapeuta é a autora deste artigo – também surgiu devido a uma demanda prática. O número de crianças que buscavam atendimento psicológico era maior do que o de profissionais disponíveis. Além disso, era preciso receber aqueles pacientes sem condições financeiras para arcar com os custos de uma psicoterapia individual, o que colaborou historicamente para a desvalorização desta modalidade de atendimento (Glasserman & Sirlin, 1974). Destaca-se que a escolha dos casos não deve ser calcada em questões econômicas, mas, sim, nas demandas do sujeito.

As principais indicações de atendimento de crianças num dispositivo de grupo envolvem dificuldades de socialização, de tolerar limites, comportamento agressivo ou desafiador, submissão, timidez, sentimento de solidão, problemas de atenção e hiperatividade, questões fóbicas ou obsessivas (Glasserman & Sirlin, 1974; Levisky, 1997; Mantese, 1990). Tal modalidade psicoterápica é recomendada quando se entende que, para trabalhar com o sofrimento do paciente, faz-se necessário, primeiramente, estabelecer ou restabelecer “as condições de um continente psíquico plurissubjetivos”, para que o grupo consiga, gradativamente, “internalizar-se em uma envoltura psíquica” que “poderá então receber as fantasias e os objetos de identificação necessários para a emergência de um sujeito, a sua vez, singular e solidário de um conjunto do que participa e do que precede” (Kaës, 2000, p.16).

A grupoterapia de crianças possui uma peculiaridade: como acolher os pais durante o tratamento? Sabe-se que a intervenção junto à família é indispensável na clínica infantil para uma boa evolução do caso, mas seria complicado em termos operacionais para o



## Artigos

grupoterapeuta acompanhar, individualmente, os pais de cada criança. Uma solução é formar um grupo paralelo: enquanto as crianças estão em atendimento, os pais também participam de um grupo sob a coordenação de outra psicóloga. Esse é o modelo adotado no Contemporâneo; ambos – pai e mãe – são convidados a participar, sendo que a presença de um deles é obrigatória, para que a criança siga em atendimento nesta modalidade. A experiência mostra que as mães são presenças constantes, enquanto os pais comparecem menos frequentemente (Levisky, 1997; Mantese, 1990; Zimerman, 2000).

Para trabalhar com o dispositivo grupal, o terapeuta deve ter em mente que está diante de três níveis da realidade psíquica, onde são observados os efeitos do inconsciente. A primeira delas é a realidade intrassubjetiva do sujeito singular – a grupalidade psíquica exerce papel importante nesse nível. O grupo, enquanto tal, também forma uma neorealidade que, concomitantemente, precede o sujeito e é constituída pelo encontro das psiques de seus integrantes. O termo grupo designa “a forma e a estrutura de uma organização dos vínculos intersubjetivos entre vários sujeitos do inconsciente, tal que suas relações produzem relações e processos específicos” (Kaës, 2000, p.19). Por fim, há que se observar os vínculos entre os sujeitos que compõem o grupo (Kaës, 2000, p.28).

Numa tentativa de diminuir a angústia frente ao novo, ao desconhecido, a um encontro com o múltiplo, é comum haver uma rodada de apresentação na primeira sessão de grupoterapia, bem como frente à entrada de novos integrantes. A pluralidade que caracteriza os grupos produz uma excitação em cada sujeito, a qual se articulará com as excitações oriundas dos demais integrantes. Esse é só o começo dos efeitos nos três níveis de realidade psíquica que os dispositivos grupais produzem (Kaës, 2000, 2003, 2005, 2011).

O outro, no contexto intersubjetivo, não pode ser reduzido a uma representação interna. O sujeito se depara com a presença real de um outro e é justamente essa a diferença entre vínculo e relação de objeto (Kaës, 2000). Esse encontro produz ecos.

Convoca e exige que a psique realize um trabalho psíquico. Num grupo, portanto, o sujeito é sempre afetado de algum modo, e impõe-se a ele certo trabalho psíquico para que o

## Artigos

conjunto se constitua, se mantenha e se organize. Ao revisitar a obra de Freud<sup>5</sup>, Kaës (1997, p.217) encontra essa expressão e afirma: “o trabalho psíquico é um processo de transformação que visa um produto específico”, fala-se, por exemplo, em trabalho do luto e do sonho. Na sequência, amplia essa ideia freudiana, trazendo-a para o universo plurissubjetivo que impõe trabalho à psique, por exemplo, a construção de pontos de passagem entre o espaço intrassubjetivo e inter, de amarração, de encontro das realidades psíquicas. O autor dedica-se a pensar, especialmente, sobre as alianças inconscientes e as chamadas funções fóricas<sup>6</sup>, desempenhadas por integrantes do grupo – portadores de sonhos, ideais, palavras, sintomas, entre outros – que ligam as redes associativas individuais e grupais (Kaës, 1997).

Quanto às alianças inconscientes, estas são estabelecidas justamente no “entre” e devem ser seladas pelos sujeitos a fim de “preservar os conteúdos e os empenhos de cada um deles e da própria relação”, além de constituí-la, sustentá-la e assegurá-la. É através delas que se dá a transmissão da vida psíquica, exercem, portanto, uma função de ligação. Estabelece-se, assim, um consenso, mas seus custos precisam ser considerados. Não se pode esquecer da sujeição imposta pelo grupo, por exemplo: o que precisa ser recalçado ou negado com o intuito de evitar conflitos e confrontos? (Kaës, 2000, p.13).

Observa-se que, nos primeiros encontros do grupo de crianças do Contemporâneo, uma aliança, duradoura ou passageira, começa a ser construída, selada através de desenhos. Também se percebe uma identificação, “a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa” (Freud, 1996, p.115). Esta pode emergir a partir da percepção de algo em “comum partilhado” com alguém “que não é objeto” da pulsão sexual. “Quanto mais importante essa qualidade comum é, mais bem-sucedida pode tornar-se essa identificação”, podendo indicar o começo “de um novo laço” (p.117).

---

<sup>5</sup> No artigo “Os instintos e suas vicissitudes”, por exemplo, Freud (1915/1996) utiliza essa expressão ao referir-se ao trabalho imposto à mente por sua ligação com o corpo.

<sup>6</sup> Tais conceitos buscam abarcar as formas de passagem de um espaço psíquico a outro, as ligações entre continuidades e rupturas, permanências e transformações, exercem, portanto, “funções intermediárias” (Kaës, 1997, 2000, 2005b). Pertencem ao que Kaës (2011) denomina de categoria do intermediário, cujo protótipo é o espaço transicional descrito por Winnicott.

## Artigos

Pode-se falar em grupo quando passa a funcionar entre os sujeitos “uma construção psíquica comum e partilhada”. Como resultado desses e de futuros arranjos combinatórios das psiques, estabelece-se, no já referido espaço intermediário, o “aparelho psíquico grupal”<sup>7</sup>: uma neoformação que extrapola os psiquismos individuais, com sua própria maneira de organizar-se, de funcionar e sua própria lógica. Sua função é ligar, formar, transformar e transmitir a realidade psíquica grupal, que, por sua vez, organiza-se sob formas “em que o ‘comum’ e o ‘partilhado’ prevalecem sobre o ‘privado’ e o ‘diferente’”. Em parte, o sujeito singular provém, constitui-se e transforma-se nesse arranjo das psiques, por isso, a importância dos grupos (Kaës, 1991, p.116).

Cabe, aqui, uma explicação a cerca dos espaços psíquicos singulares, comuns, partilhados e diferentes descritos por Kaës (2011) ao longo de sua obra. O singular refere-se ao espaço psíquico interno de cada sujeito, enquanto o comum alude aos conteúdos psíquicos que unem os integrantes de um vínculo, por exemplo, fantasias, desejos, sonhos, ideais, alianças inconscientes, identificações. Destaca-se que “o comum conhece nuances; é igualmente ou desigualmente comum”. Já o partilhado designa “a parte que toma cada sujeito ou ao lugar próprio e complementar que ele ocupa em uma fantasia, uma aliança, um contrato, um sistema defensivo comum” a um conjunto vincular (p.55). O que não pode ser comum e partilhado é denominado de diferente, assinalando o distanciamento entre os sujeitos do vínculo, marcando o singular, o privado. Entretanto, para haver grupo, há que existir, também, o comum e o partilhado.

Considerando o intenso trabalho psíquico exigido pelos contextos plurissubjetivos, questiona-se: com que se beneficia o sujeito ao aventurar-se em relações com outro(s)? Quais as vantagens oferecidas pelos grupos?

Segundo Kaës (2001b), os grupos trazem diversos benefícios aos sujeitos que dele participam. É através deles que se dá, por exemplo, a transmissão e o remanejamento das formações

---

<sup>7</sup> Em uma entrevista, Kaës (2010) diz não estar satisfeito com um aspecto desse modelo: “um risco inerente a toda concepção da psique, a partir do momento que é pensada em termos de aparelho, é nos tornarmos engenheiros da psique”. Por isso, vem se esforçando para introduzir ainda mais o sujeito, a subjetividade e a subjetivação no contexto vincular. Finaliza esclarecendo que não renunciou ao essencial de seu modelo e que mantém uma série de questões e linhas de investigação para seguir retrabalhando-o.

## Artigos

do ideal, do referencial identificatório, dos mecanismos defensivos, de partes da função recalçadora, e outros. Por parte do sujeito, existe a expectativa de que o grupo ajude-o a proteger-se frente às angústias e aos perigos causados por seus próprios desejos e pulsões, assim como dos outros, e colabore na manutenção da diferenciação geracional e entre os sexos (Kaës, 2011).

O grupo fornece uma marca identificatória, “uma pertinência identitária” que possibilita que seus componentes se percebam e sejam vistos como sujeitos do grupo. Assim, buscam apaziguar “a angústia de não ter lugar e destino no desejo do outro, de mais de um outro”. Portanto, o grupo colabora para “a experiência de ser um sujeito desejante” (Kaës, 2011, p.281).

Os benefícios terapêuticos do grupo estão na sua capacidade de abrigar e hospitalizar partes doentes das psiques de seus componentes, de conter e desintoxicar. É, portanto, um albergue psíquico, um espaço onde palavras que não puderam ser ditas e proibições que não foram promulgadas podem ser enunciadas. O grupo viabiliza “a constituição de formações e de processos que não se produziram na realidade psíquica do sujeito” (Kaës, 2001b, p.147).

Por ser um aparelho de transformação, o grupo permite mudanças de pensamentos, estabelecimento de novas conexões e oferece um espaço para experimentar possibilidades afetivas e de representações inéditas. Abre, portanto, novos caminhos (Kaës, 2001b).

Diz Kaës (2000, p.12): “contra a solidão, o desamparo e o medo, contra os perigos e os ataques do mundo externo e do mundo interno, o grupo propõe um sistema de proteção e defesa”. Também pode exercer outro papel importante: ancorar o sujeito, evitando, assim, que fique à deriva no mar da vida. O termo ancoragem é fundamental na psicanálise, um dos principais processos de constituição do psiquismo (Kaës, 1992).

A fim de compreender a questão do grupo como possibilidade de ancoragem, é preciso, inicialmente, explicitar questões referentes aos termos e suas traduções para o português. Kaës (2010) desenvolve essa ideia a partir de Freud, por considerar o conceito de ancoragem imprescindível para pensar a intersubjetividade. A palavra utilizada por Freud é *anlehnung*, que costuma aparecer traduzida para o português como apoio, e para o francês,

## Artigos

como *étayage*<sup>8</sup>. Hanns (1996, p.215) explica que o termo alemão significa “apoiar-se/recostar-se” em algo (num corrimão, por exemplo), “apoiar-se no sentido de imitar, orientar-se por” (sentido figurado) e ainda, “encostar”. Kaës (1991) descreve as seguintes acepções: apoiar-se, tomar como modelo e, por fim, entreabrir – uma janela, por exemplo.

Nas obras desse autor traduzidas do francês para o espanhol, a palavra *apuntalamiento* é utilizada<sup>9</sup>. Com relação aos seus textos em português, por vezes, aparece a palavra apoio e, em outras, ancoragem<sup>10</sup>. No presente artigo, opta-se pela sugestão de Zimerman (2000, p.79): “por tratar-se de um fenômeno que designa um ‘apoiar-se em alguém’ (primordialmente alude à mãe, apoiando o bebê), estado esse que persiste representado na mente”, durante a vida toda, “às vezes sob a forma de uma necessidade de o indivíduo reencontrar a primitiva âncora materna, me atrevo a sugerir o termo ancoragem para designar”, em português, esse relevante “processo de fixação e de representação intrapsíquica”. Fernandes (2003, p.153) adota essa ideia e passa a utilizar o termo por entender que a palavra apoio – erroneamente usada em algumas traduções para o português – assume uma “conotação simplista”. Costuma mencionar ancoragem e/ou apoio amplo.

Nos textos freudianos, o termo *anlehnung* aparece para designar, costumeiramente, três questões. Inicialmente, a fim de caracterizar a relação inicial existente entre as pulsões de autoconservação e sexuais, portanto, ligar o biológico e o psíquico. É, também, um tipo de escolha objetal. Por fim, denota a ancoragem do sujeito no grupo, necessária devido ao seu desamparo (Kaës, 1991; Laplanche & Pontalis, 2001; Roudinesco & Plon, 1998).

Em 1915, Freud (1996, p.171) acrescenta uma frase a um de seus textos clássicos afirmando que a “atividade sexual apoia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida”, independizando-se depois. Isso porque, quando um bebê mama, não são apenas suas pulsões autoconservativas que estão sendo atendidas, mas também as sexuais, pois o alimento vem acompanhado de um registro de prazer devido à satisfação de uma zona erógena (oral) – prazer este que, por sua vez, depende, em parte, do quantum de prazer sentido pela mãe. Nessa época, portanto, a pulsão sexual tem “um objeto fora do corpo próprio, no seio materno” (p.210). Assim sendo, adentra-se, obrigatoriamente, no espaço

---

<sup>8</sup> É esse termo que Kaës (1991, 2011) utiliza em seus textos.

<sup>9</sup> Vide Kaës 1991, 1992 e 2000.

<sup>10</sup> É o caso das seguintes publicações: Kaës 1997, 2000 e 2011.

## Artigos

intersubjetivo, o que implica considerar a subjetividade alheia – decisiva no processo de ancoragem. Em síntese, no início da vida, as pulsões sexuais ancoram-se nas pulsões de autoconservação, tornando-se independentes posteriormente – o bebê, que chupa seu dedo para sentir novamente o prazer outrora vivenciado durante a alimentação, ilustra tal aspecto. Essa ancoragem pulsional é uma das três principais características da sexualidade infantil.

Em “Sobre o narcisismo: uma introdução”, Freud (1996) apresenta uma nova ideia: a escolha de objeto do tipo anaclítico, de ligação ou por apoio<sup>11</sup> em oposição à escolha objetal narcisista. A primeira apoia-se nos “modelos infantis primitivos”, a referência, portanto, é o outro. O segundo caminho busca reencontrar seu próprio ego no outro, ou seja, a referência é a própria pessoa (Freud, 1996, p.210).

É preciso relembrar, também, que o bebê nasce encarregado de realizar os sonhos não alcançados por seus pais e é um dos elos de uma corrente (Freud, 1996). O sujeito, portanto, não se ancora apenas no corporal e no biológico, mas também numa “ordem intersubjetiva que o constitui: a dos desejos inconscientes” de seus antecessores (Kaës, 1992, p.26). Desde cedo, ancora-se no outro, cujas marcas podem ser vistas, por exemplo, na formação do ideal do ego – “além do seu aspecto individual, esse ideal tem seu aspecto social; constitui também o ideal comum de uma família, uma classe ou uma nação.” (Freud, 1996, p.108).

A partir dessas e de outras ideias freudianas, Kaës (1991) passa a fundamentar e desenvolver seu pensamento acerca da relevância do outro na constituição do psiquismo. O autor vê nessas colocações as premissas de sua hipótese sobre a ancoragem do psiquismo no grupo. Entende que a ancoragem possui três componentes: “apoio, modelo e transcrição” (Kaës, 1991, p.24).

Derivando dos dois primeiros (apoio e modelização), ocorre a transcrição: processo através do qual “a experiência emocional retorna àquele que usou o recurso da ancoragem, não da mesma forma, mas filtrada”, modificada e gerando mudanças após ter sido contida

---

<sup>11</sup> A expressão no original é *Anlehnungstypus der Objektwahl* (Hanns, 1996).

## Artigos

pelo outro<sup>12</sup> (Fernandes, 2003, p.155, Kaës, 1991). Para que surja, é preciso ter passado por uma experiência de perda, por exemplo, de uma “âncora” (*desapuntalamiento*). A transcrição consiste na “transformação em e pela interiorização dos objetos, das relações de objetos, do vínculo, dos processos” (Kaës, 1992, p.21). Implica uma passagem, uma transformação, por exemplo, fala-se da “transcrição de uma ordem (a da função vital) a outra (a da sexualidade infantil)” (Kaës, 1991, p.36). Designa uma das acepções da *anlehnung*: a entre abertura. É preciso, portanto, que os elementos envolvidos na ancoragem sejam abertos e separados – sem um espaço aberto não se pode pensar em passagem (Kaës, 1991).

Em síntese, ancoragem trata da seguinte ideia: “o apoio modela e transforma o que sustenta” (Fernandes, 2003, p.154). Sendo assim, não se está falando apenas de projeções e introjeções, mas sim de verdadeiras mudanças. Há, portanto, muito trabalho psíquico envolvido.

Inicialmente, o grupo primário exerce a ancoragem vital para o desenvolvimento psíquico. É em seu seio que “o Eu pode advir”, ancorado no psiquismo materno e nas demandas familiares (Kaës, 1997, p.15). Entretanto, existem múltiplas fontes de ancoragem: “sobre as necessidades corporais, sobre o grupo e a cultura, sobre o próprio aparelho psíquico”. Há uma verdadeira rede de ancoragens, fundamental para a estruturação e o equilíbrio do psiquismo. As ancoragens que compõem essa rede são diferentes e interdependentes, e influenciam na formação das relações de objeto (Fernandes, 2003; Kaës, 1991, p.36).

---

<sup>12</sup> O autor (1991) associa essa ideia com a função alfa descrita por Bion.

## Artigos

Considerando que se está trabalhando com a intersubjetividade, é preciso questionar: se, por um lado, fala-se, por exemplo, da influência do psiquismo materno no bebê, não haveria interferência do bebê sobre sua mãe? O autor afirma que sim, portanto, a mutualidade é uma característica da ancoragem (Kaës, 1992). É uma via de mão dupla.

A ancoragem é, portanto, múltipla e reticular, pois se estabelecem verdadeiras redes. Também é mútua por haver uma reciprocidade entre quem ancora e quem é ancorado. Por tratar-se de tramas interdependentes, é considerada, ainda, como crítica, visto que “variações qualitativas e quantitativas na organização reticular e nas relações mútuas geram perturbações notáveis, críticas” (Kaës, 1991, p.17).

Os grupos são de extrema importância por oferecerem significativas possibilidades de estabelecer novas ancoragens, havendo, inclusive, uma demanda clínica nesse sentido. Para que isso ocorra, é preciso que o grupo tenha se formado enquanto tal e que haja, primeiramente, uma representação do grupo no espaço intrapsíquico de cada sujeito que o compõe. Essa representação ancorará o Eu do sujeito em interação com os demais, que precisa de um apoio justamente por ser obrigado a lidar com os efeitos provocados pela presença dos outros (Kaës, 2001a).

A ancoragem oferecida pelos grupos – com relação ao narcisismo do sujeito desde o início da vida – merece destaque. O narcisismo do bebê ancora-se no narcisismo dos pais e naquilo que seu grupo familiar espera dele, assim como a sociedade em que está inserido. Nasce submetido a essa ordem e, em troca, encontra nesse grupo “seus parâmetros identificatórios e, antes de tudo, as funções de identificação com o humano, com a



## Artigos

comunidade do pertencer à espécie, fundamento do apoio narcísico originário” (Kaës, 1997, p.114). O grupo oferece “os objetos, as figuras e os discursos nos quais se apoiam, modelam-se e se constituem, no espaço intrapsíquico, seu Eu, seu Superego, seus Ideais” (p.191). Disponibiliza, também, ancoragem frente ao desabamento “dos apoios internos, um sistema de objetos garantidores contra o estado primordial de sofrimento e contra o medo de estar só, (...) proteção contra a excitação” e “a angústia”. Por outro lado, mesmo sem procurar, o sujeito poderá encontrar uma fonte de angústia e excitação ou “a repetição de um trauma”, por exemplo (p.194).

Estabelece-se um “contrato narcisista” para selar essa relação entre a sujeição do sujeito ao grupo e os benefícios oferecidos pelo grupo em troca, ou seja, para assegurar a ancoragem. Tal contrato é “o fundamento de toda a relação possível sujeito-sociedade, indivíduo-grupo, discurso singular-referente cultural” (Aulagnier, 1979, p.22). É classificado como uma das alianças estruturantes por contribuir com a formação da psique e sua organização (Kaës, 2011).

As possibilidades de novas ancoragens e de transformações, constantes inscrições e movimentos inconscientes, em espaços diversos, argumentam a favor do trabalho psicanalítico com grupos. Afinal, “a subjetivação se produz segundo um duplo processo psíquico: um trabalha em cada sujeito segundo seus determinantes internos, o outro desenvolve-se a partir do espaço psíquico intersubjetivo” (Kaës, 2011, p.220). O espaço do “entre”, deixa marcas e transforma.

## Artigos

“No grupo, assim como em todo vínculo intersubjetivo, o inconsciente se inscreve e se manifesta diversas vezes, em vários registros e em várias linguagens: nos de cada sujeito, nos do vínculo intersubjetivo e nos do grupo” (Kaës, 2011, p.76). A questão é saber olhar.

### **Considerações Finais**

Sem o grupo, o sujeito estaria solto, à deriva no imenso mar da vida. É até mesmo difícil imaginar tal situação... A cultura, o social e a família são âncoras fundamentais para sua constituição e, indubitavelmente, deixam marcas no inconsciente do sujeito.

Considerando tal influência dos grupos, é preciso que a psicanálise mergulhe nesse tema visando melhor compreendê-lo. É necessário seguir investigando para descobrir o que se passa entre as pessoas e de que forma se dá tal dinâmica.

Outro aspecto a ser ponderado é pensar no grupo enquanto recurso terapêutico, aproveitando, justamente, o potencial da intersubjetividade, a abertura e os constantes movimentos do psiquismo. A indicação de pacientes para os grupos passa pela convicção – que este trabalho tentou alicerçar – de que o sujeito é constituído por tal complexidade de relações intersubjetivas, que se deve, sim, pensar nos dispositivos plurissubjetivos como forma de psicoterapia.

O dispositivo grupal – assim como costuma ocorrer frente ao novo – pode gerar desconfiança ou até mesmo resistência. Desacomoda, afinal, chega-se a falar na criação de uma nova tópica. Apesar do possível desconforto inicial, os benefícios passíveis de serem alcançados – tanto devido às novas investigações da intersubjetividade, que conduzem ao aprimoramento teórico, quanto à constatação da melhora dos pacientes tratados nessa modalidade – devem servir como incentivo aos psicoterapeutas. Da mesma forma que ocorre com o inconsciente, seria interessante que a psicanálise também se mantivesse aberta a novas inscrições e a constantes transformações.

É verdade que constituir o grupo como um dispositivo de trabalho psicanalítico, pensá-lo como espaço no qual o inconsciente produz efeitos específicos, quer se

## Artigos

trate desta vez não de denunciar, mas de conhecer, conceber suas consequências no espaço intrapsíquico e na formação do sujeito do inconsciente, é incorrer no risco de introduzir outro paradigma na epistemologia da psicanálise. Mas assumir esse risco é também abrir as fronteiras da psicanálise, como foi o caso para a psicanálise das crianças e dos pacientes psicóticos ou *borderline* (Kaës, 2011, p.26).

## Referências

Aulagnier, P. (1979). *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.

Fernandes, W. J. (2003). Aparelho psíquico grupal e ancoragem: a contribuição de René Kaës. In W. J. Fernandes; B. Svartman; B. S. Fernandes (Eds.), *Grupos e configurações vinculares* (pp.151-156). Porto Alegre, RS: Artmed.

Freud, S. (1996). As neuropsicoses de defesa. (J. Salomão, Trans.). In J. Salomão (Ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 52-72). Rio de Janeiro, RJ: Imago.

Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In J. Salomão (Ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 119-231). Rio de Janeiro, RJ: Imago.

Freud, S. (1996). Sobre o narcisismo: uma introdução. In J. Salomão (Ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 77-108). Rio de Janeiro, RJ: Imago.

Freud, S. (1996). Os instintos e suas vicissitudes. In J. Salomão (Ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 117-144). Rio de Janeiro, RJ: Imago.

Freud, S. (1996). Psicologia de grupo e a análise do ego. In J. Salomão (Ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 78-154). Rio de Janeiro, RJ: Imago.

Freud, S. (1996). O mal-estar na civilização. In J. Salomão (Ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 67-148). Rio de Janeiro, RJ: Imago.

Freud, S. (1996). Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise. In J. Salomão (Ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 22, pp. 13-177). Rio de Janeiro, RJ: Imago.

## Artigos

Glasserman, M. R. & Sirlin, M. E. (1974). *Psicoterapia de grupo en niños*. Buenos Aires, Argentina: Ediciones Nueva Visión.

Hanns, L. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.

Kaës, R. (1991). Apuntalamiento y estructuración del psiquismo. *Revista de Psicología y Psicoterapia de grupo*, XV (3-4), 23-51. Buenos Aires, Argentina: Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de grupo.

Kaës, R. (1992). Apuntalamiento múltiple y estructuración del psiquismo. *Revista de Psicología y Psicoterapia de grupo*, XV (2), 15-36. Buenos Aires, Argentina: Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de grupo.

Kaës, R. (1997). *O Grupo e o Sujeito do Grupo*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Kaës, R. (2000). *Las teorías psicoanalíticas del grupo*. Buenos Aires, Argentina: Amorrortu.

Kaës, R. (2001a). El pacto denegativo en los conjuntos trans-subjetivos. In. R. Kaës; H. Faimberg; M. Enriquez; J. J. Barane (Eds.), *Lo negativo: figuras y modalidades* (pp. 130-169). Buenos Aires, Argentina: Amorrortu.

Kaës, R. (2001b). O sujeito da herança. In. R. Kaës; H. Faimberg; M. Enriquez; J. J. Barane (Eds.), *Transmissão da vida psíquica entre gerações* (pp. 9-25). São Paulo, SP: Casa do psicólogo.

Kaes, R. (2003). Las principales características morfológicas del dispositivo grupal. *Revista Actualidad Psicológica*, jun., 29-32.

Kaës, R. (2005). *Os espaços psíquicos comuns e partilhados: transmissão e negatividade*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Kaës, R. (2010). Entrevista a René Kaës. *Revista Psicoanálisis & Intersubjetividad*, 5. Recuperado em <http://www.intersubjetividad.com.ar/web/site/articulo.asp?id=225&idd=5>

Kaës, R. (2011). *Um singular plural: a psicanálise à prova do grupo*. São Paulo, SP: Edições Loyola.

Kaës, R. (2014). *As alianças inconscientes*. São Paulo, SP: Ideias e Letras.

Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (2001). *Vocabulário da Psicanálise* (4 ed.). São Paulo, SP: Martins Fontes.

Levisky, R. B. (1997). Grupos com crianças. In. D. E. Zimmerman & L. C. Osório (Eds.), *Como trabalhamos com grupos* (pp. 311-320). Porto Alegre, RS: Artes Médicas.

Mantese, I. A. (1990). Alguns aspectos da grupoterapia com crianças. *CEAPIA*, III (3), 15-18.

## Artigos

- Piva, A., D’Incao, D.B., Recktenvald, K., Fortes, M. G. & Reis, R. (2013). Contribuições Teórico-Técnicas da Psicanálise Vincular na avaliação de crianças e adolescentes. *Psicanálise – Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise*, 15 (1), 161-170. Porto Alegre, RS: Sociedade Brasileira de Psicanálise.
- Rajnermann, G. C. (2000). El niño y su familia: un punto de vista. In. I. Berenstein (Ed.), *Clínica familiar psicoanalítica* (pp. 203-222). Buenos Aires, Argentina: Paidós.
- Rojas, M.C. (2000). Itinerario de un vínculo: transferencia y transformación. In. Berenstein, I. (Ed.), *Clinica Familiar Psicoanalítica: estructura y acontecimiento* (pp. 223-268). Buenos Aires, Argentina: Paidós.
- Rojas, M.C. (2007). Pensar la/s familia/s hoy: estar solo, con otro. *Psicoanalysis e Intersubjetividad*, 2. Recuperado em <http://www.intersubjetividad.com.ar/website/articulo.asp?id=172&idd=2#top>
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Vinogradov, S. & Yalom, I. D. (1992). *Manual de psicoterapia de grupo*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Winnicott, D. W. (2000). A reparação relativa à defesa organizada da mãe. In. D. W. Winnicott. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp.156-162). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Winnicott, D. W. (2000). Ansiedade associada à insegurança. In. D. W. Winnicott. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp.163-167). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Zimerman, D. (1997). Fundamentos teóricos. In. D. E. Zimerman & L. C. Osório (Eds.), *Como trabalhamos com grupos* (pp.23-31). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Zimerman, D. (2000). *Fundamentos básicos das grupoterapias*. (2 ed.). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Zimmermann, D. (1971). *Estudos sobre psicoterapia analítica de grupo*. São Paulo, SP: Mestre.